

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses
Ano III—Numero 124
Preço avulso 1 Escudo
12 Paginas

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A CONQUISTA DO ESPAÇO!

Sobre a sciencia do velho almirante Gago Coutinho, gloria de Portugal—a audacia do jovem Lindbergh, gloria da America!

LER DENTRO:— Uma novela verdadeira sobre o Angola e Metropole, em que se descreve a vingança da celebre *Dama Misteriosa* «Madame Angold», pelo reporter Belo Redondo.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

Rafael Bordalo Pinheiro

ECOS

Publicamos a seguir um belo soneto do grande amigo de Rafael, o ilustre comediografo e humorista José Barbosa Junior, que mesmo em versos a serio é um tão apreciado poeta.

Uma grande iniciativa

O nosso colega o «Seculo» lançou nas suas colunas um empreendimento que, pelo seu vastissimo alcance, não pode de forma nenhuma passar despercebido a todos que se interessam pelo levantamento das energias do nosso país.

Trata-se de fazer, este verão, na Curia, uma grande organização turistica, á semelhança das que se fazem no estrangeiro e que tão decisivas são para o progresso das regiões que as promovem.

O «Seculo» a tomar esse cargo, mostra o que pode uma grande força publicitaria ao serviço duma ideia patriótica das mais levantadas, e das mais uteis. É preciso realmente sair do ciclo revolucionario e mesquinho onde nos afundamos de olhos cegos ás nossas possibilidades de vida e de progresso. As grandes «Festas de Verão na Curia» serão, talvez o começo dessa nota de civilização e de espirito renovador que a nossa vida perniciosamente precisa.

Teatro

Quem esteja preso ás actividades do teatro e tenha lido os relatos das assembleias ultimas do Gremio dos artistas teatraes não pode deixar de sentir-se triste e humilhado. É pena que os nossos actores, os nossos escritores, os nossos scenografos, não tenham sabido comportar-se com uma linha fora da grotesca discussão que os jornais contaram.

Houve episodios de Offenbach—e attitudes que pediam uma pagina violenta de Fialho—ou um simples gesto popular de Bordalo.

Entre todas as incongruencias—ha uma deliciosa pelo sabor inedito

Começaram os artistas a sessão por se insultarem mutuamente com epitetos formidaveis. Depois, na 2.ª parte tranquilamente consagraram o sr. Alfredo Santos, antigo e estimado homem de teatro. O homenageado chorou comovido. Houve palmas. Depois os artistas voltaram a insultar-se e houve quasi pugilato. Felizmente, como no teatro, tudo acabou com uma apoteose...

Um livro

Foi posta á venda a edição da bela peça de teatro dos consagrados dramaturgos João Correia de Oliveira e Francisco Lage—«A Verdade», que vai ter decer o um exito de livraria idêntica ao seu marcado exito de teatro.

Eu não vim aqui para te saudar. Vouso aqui todas as manhãs, porque trago namoro com uma criadita, a quem do meu posto surpreendo a pintar-se com os «batons» da patrão.

Fechei a janela, escandalizado.

Bem considerando, não tinha razão de queixa do cinismo alegre do passarinho.

Pois se se tratava dum grande mel-c!

 Feliciano Santos

NO CAFE



—Repas, tens café? / lo?
—Ainda há.
—Então aquece-me uma chavena.

UM COMENTARIO

NA INAUGURAÇÃO, NAS CALDAS, DO MONUMENTO
A RAFAEL BORDALO PINHEIRO MEU SAUDOSO E
APRECIADO AMIGO

Na praça dos Restauradores, para regular o transitio, inaugurou-se há dias um policia collocado em cima duma placa metálica, que á noite é iluminada inteiramente com lindos efeitos de luz encarnada.

Esta inovação, absolutamente necessária numa cidade onde o transitio de automoveis está tomando proporções quasi parisienses, tem sido objecto de comentarios pitorescos por parte dos transeuntes, que param a admirar o belo sinalero de fleugma quasi britânica e de movimentos rítmicos, como os das bailarinas da opera. Não falta quem diga, com certo espirito maledicente, que se trata dum monumento ao policia desconhecido e outros afirmam que é um lindo numero de mágica, para ser aproveitado por qualquer dos teatros alegres da vizinhança.

Quando a placa acende interiormente, com a sua luz encarnada—para que os «chauffeurs» possam ver a distancia—ouve-se dizer:

—É um trabalho tão perfeito, que até tem aquecimento central.

Entretanto, o policia sinalero indifferente aos comentarios da turba—como um semi-deus no olimpo—lá vai apontando com anstera dignidade o «casse-lête» para um lado e para o outro, indicando aos automoveis o caminho que devem seguir.

A noticia deste rovo acontecimento policial e cidadão espalhou-se rapidamente pelos arredores de Lisboa e tem vindo gente de proposito, principalmente do concelho de L. ures, para admirar este belo traço de progresso, que junto a outros traços que estão sendo traçados no Rossio contribuirá para que o ano da graça de 1927 fique conhecido na História pelo ano da regulamentação do transitio em Lisboa.

A um pacifico habitante da Malveira, que contemplava com olhos sonambulos a placa iluminada, alguém ouviu dizer ontem á noite:

—Eh, compadre! lá na Malveira tambem havéramos de precisar dum objecto destes.

—Então p'ra quê, compadre?—preguntava um patricio do lado.

—P'ra que haverá de ser? P'ra regular o transitio das bestas que vêm á cidade... P'ra que aprendessem a andar no asfalto, como certa gente aprende a andar nos sidewalks...

NORBERTO LOPES

UM DESASTRE



—Jesus! Cola agora um officio aviator!
—Oh! É horrível! É de muito alto?
—Não, escorregou numa casca de laranja...

PARA os meus habitos de tresnoitado fazedor de gazetas, levantar cedo é uma fanhanha que só a minha muita modestia me impede de assinalar com um padrao comemorativo.

Pois ontem, porque aproveitei o remanço do domingo para me dar á extravagancia de recolher á cama antes da meia noite, consegui, sem esforço de maior, levantar-me cedo e devo confessar que me não dei mal com o heroico feito.

Impossibilitado pela elevada situação do meu terceiro andar de ir dar uma volta sob as arvores do parque, que não tenho, abelrei-me duma janela que abre para um jardim, onde uma arvore muito alta estende os ramos ainda nus, que guardam junho para se cobrirem de campanulastinhas lilases. Dum dos galhos mais elevados, um melro trocista saudou-me com uma daquelas risadas de cristal, que tanto irritavam o velho padre-cura, quando abria a porta que dava para o passal.

Na cidade, nós estamos habituados a ver em liberdade os pardais garotos e as andorinhas velizes. As outras aves ou jazem num triste cativeiro de gaiolas de cana e arame, debicando folhinhas de alfaca e alpista, ou então, o que é pior para elas, estão alinhadas em armarios, nos museus de zoologia, com os olhos de vidro muito espatados e pousando em troncos tão mortos como elas. Tendo feito estas considerações com os meus alamares, — porque eu estava em pijama a esta hora matinal—agradei ao melro amigo a deferencia de ter vindo assobiar as suas melhores canções naquele recanto urbano, trazendo-me a illusão e saudade dos bosques e do ar livre.

Ao meu agradecimento o melro respondeu com a mais trocista das suas risadas e como

*Não mais se nos apaga da memoria
o traço belo e o barro trabalhado
do «Enorme Rafael o Iluminado»
que foi da «Vida» ao apogeo da «Gloria».*

*Da sua «Grande Pagina, hoje, a «Historia»
sente o orgulho d'«Ele», a ter firmado
e o «Mundo» ainda escuta extasiado
a tuba gargalhante da «Vitoria»!*

*Deixaste-nos na mente esse penhor
do rastro scintilante e colossal
que nos atrae sorrindo ao seu fulgôr!...*

*Porque «Tu» és o «Guia, espiritual
que nos legou a «Graça» por amor
do «lapis, mais chorado em «Portugal!»*

Caldas da Rainha, 15 - 5 - 927

JOSÉ BARBOSA «J.º»



eu me dispuzesse a lançar-lhe em bico a sua descortezia, o excelente passaro, com um bom humor risonho, poz-se a assobiar batxiño a sua historia:

—Eu não sou, como tu supões, um melro, dos campos, perdido no bulicio da urbe. Não sou o saloio que vem á cidade e que estarrece de pasmo diante da civilização.

«Aqui, onde me vês, sou de cendente duma antiga familia que tem o seu solar ali em cima, numa arvore do Jardim Botânico. Faço parte dos encantos do Jardim e tenho por mi são denunciar aos guardaes os idilios que surpreendo na gruta do lago ou sob o palio dos pinheiros. As amas, mais ou menos secas, detestam o meu as-obio trocista e os soldadoes da Guarda Republicana só não me prendem porque fica mal á tropa andar a armar aos passaros.

«A Faculdade de S. iencias vela pela minha tranquilidade e cuida do meu sustento. Sou um melro funcionario publico, como melro que me preso de ser. Parí que me não faltem bichinhos frescos nas duas refeições diarias, um exercicio de jardineiros revolve constantemente a terra dos alegretes.

«O campo, os bosques!... Mas eu sei lá onde isso fica! Consta-me que lá por esses sitios ha uma gentinha que só tem consideração pelos melros com arroz. A cidade, sim, essa e que é o meu meio: conforto, civilização, e que lindas mulheres! De três ass. bios! — que é, como nós, os melros, costumamos classificar o que é optimo.

Eu estava varado com o impudor do patife. Ia a espanta-lo com uma palmada no rebordo da janela, quando ele se interrompeu o gesto:

—E agora, que já me conheces, faze o favor de não me massares. Estragaste-me a manhã,

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

HUMORISMO

Crónica alegre



A peça de ontem era muito boa. Gostei muito.

- Sim? Onde foram?
- Ao Avenida.
- A peça era bonita?
- Ai, não imagina, um encanto...
- Sim? Como se chamava?
- Chamava-se Première.

AUGUSTO CUNHA



ALMA ENCANTADORA DO CHIADO—por Antonio de Cértima

Antonio de Cértima é o escritor da «Epopéia Maldita», a mais vibrante obra portuguesa gerada á sombra da Grande Guerra. Antonio de Cértima, porque é já autor dum livro capital, deve contentar-se com conseguir ser sempre igual a si mesmo, manter-se no posto de honra tão honestamente conquistado.

Ao reunir em livro as suas mais belas crónicas sobre a Arte, a Vida e o Amor, Antonio de Cértima deu maior amplitude ao seu entusiasmo, ao seu anseio de lutar, de soldado impetuoso e ousado. Está longe de ser o cronista irónico, «poseur», malabarista de atitudes bizarras e de palavras ócas. É um cronista apaixonado, sincero, cheio de interesse pelo assunto que o tentou, e, apesar de ser um cronista sério, é um escritor bem contemporâneo, bem consciente do ritmo leve, do ambiente um pouco fútil em que é hoje necessário enquadrar o pensamento mais profundo, o conceito mais reflectido. Antonio de Cértima conquistou o seu lugar na vanguarda dos nossos escritores, não para marcar uma atitude nem para disfarçar deficiências; conquistou-o, porque a sua sensibilidade não lhe permitia ser um atrazado. Mas, em todos os tempos, em todas as escolas, seria um escritor de invejável colorido, de convincente sinceridade.

CANTARES DE S. JOÃO—quadras de Paulo Varandas e Leão Figueiredo.

Infelizmente, não posso felicitar os autores por estas quadras de alcachofras, em louvor de S. João. A quadra «popular» que não é anónima só tem razão de existir quando não se limite a caricaturar a quadra ingénua do cantor inculto. Precisa de ter recheio de ideias... Rimar com despreocupação inconsciente, com alvar graciosidade, é um direito do povo, que não ha direito de usurpar.

Tereza LEITÃO de BARROS.

PRESSA



- Onde vais a correr tão depressa, Joãozinho?
- Vou para casa. A minha prometee-me uns apotes...
- E' por isso...
- E' porque tenho medo que o papá chegue antes de mim...

mente também já não pertenço, mas em homenagem á justiça, é bom que se ponham os pontos nos respectivos i i e as coisas no seu devido pé e no seu justo lugar.

Primeiramente é preciso ponderar, se algumas preferencias actuais da gente



Pois não se lembram que nesse ponto e portanto, indirectamente nos demais, a culpa é apenas deles que se excederam nas suas pandegas, que se exgotaram, que esbanjaram e desbarataram prodigamente as suas forças?

Porque na verdade é preciso dizê-lo —e este argumento dispensa qualquer outro—se os rapazes de hoje tem esses defeitos que lhes apontam, foi afinal por culpa deles —dos rapazes de ontem—que os fizeram assim.

O LIVRE TRANSITO

Com o silencio dos apitos dos sinaleiros voltou a tranquilidade ao Rossio, durante alguns dias anormalizado e intransitavel por causa das transactas medidas de transito que afinal eram apenas transitorias.

Terminou o panico, a confusão, o terror dos traseuntes que por ali tinham de transitar e já hoje se pode de novo atravessar sem o perigo de ficar sitiado, bloqueado, perdido longas horas, numa daquelas fatias do extinto passeio, que desde a infancia adornou aquela praça.

Estou porem receiando que esta imprevista retirada de tropas e este silencio dos apitos, represente apenas mera tactica estrategica, a fim de preparar uma nova ofensiva de mais ferozes sinaleiros, com instrumentos de mais folego e talvez com cacêtes em vez de casse-lêtes.

O GRANDE PUBLICO ILUSTRADO

Entre duas senhoras que pela enver-



gadura constituem o que ha de melhor na nossa sociedade deslegante e pelo aparatoso luxo que transportam o que ha de mais sensacional na nossa primeira (ex penultima) sociedade:

- Então, D. Adetina, onde foi ontem?
- Fui com o meu homem ao teatro.
- Ai, seu gosto muito, mas o meu nunca me leva.
- Nós vamos quasi todas as noites.

moça—preferencias artisticas por exemplo—se bem que regadas a liquidos inocentes, como o leite, não serão muito mais de apreciar e mais proveito, do que por exemplo as antigas predilecções taurinas regadas a carrascão.

Convenho que por vezes a mocidade nos seus modernos gostos, no seu «raffinement», atinge exagerados limites condenáveis.

Mas não podemos de modo algum apreciar uma geração pelos seus casos extremos, pelas suas aberrações.

O mesmo seria apreciar as gerações passadas pelos seus casos de excepção: pelos indesejáveis desordeiros ou alcoolicos incorrigíveis.

E pondo de parte esses casos, a unica diferença para pior entre os de ontem e os de hoje é a de terem na verdade estes ultimos menor resistencia fisica e—talvez por isso mesmo—menos alegria e menos vida.

De resto a falta de alegria é natural num ambiente de constantes preocupações, dificuldades, vicissitudes e obstaculos, que hoje nos cercam e que os nossos felizes antecessores nunca tiveram. Não admira portanto que os novos de hoje pareçam velhos e tragam no rosto um desalento de centenários.

Por isso devemos confessar que os senhores velhos são injustos.

Eles, que viveram numa epoca de facilidades, de fartura e que pelos seus esbanjamentos são em parte culpados das dificuldades que todos nós hoje atravessamos, censuram ainda a tristeza e o desalento que naturalmente resultam desses males.

Mas ainda o que mais indigna e mais revolta, nas considerações da gente doutras eras, é o ar desdenhoso com que se referem á pobreza fisica—á debilidade e á fraqueza—que caracterisam as modernas gerações.

OCASIÃO



—Filha, este homem é um bom partido, é uma ocasião... e as ocasiões tem de se agarrar pelos cabelos...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Curiosidades

A MORTE DO SOL

Um ilustre sábio inglês, Sir Oliver Lodge, fez uma comunicação, ao Congresso da Universidade de Oxford, do resultado de certas pesquisas que há muito tempo vem realizando. Sir Oliver Lodge consagrou anos a calcular o desperdício de energia e de matéria que o sol sofre, ao irradiar luz e calor. O sol, segundo o sábio professor, perderia qualquer cousa como quatro milhões de toneladas por segundo, ou seja 345.600 milhões de toneladas por dia. E' evidente, por consequência—concluiu o distinto professor—que o astro que nos ilumina está condenado a desaparecer num curto espaço de tempo. Interrogado sobre a época provável dessa desapareição (dêsse eclipse totalíssimo!), Sir Oliver Lodge respondeu que, segundo cálculos certos, êle teria lugar daqui a três milhões de séculos. Que os nossos descendentes do ano 300.001.927 tremam perante esta profecia, que nos deixa indiferentes!

NINHOS DE ANDORINHAS

Parece que em muitas cidades europeas e, principalmente, em Paris, se faz um regular consumo de ninhos de andorinhas, manjar muito apreciado nos países do Extremo Oriente.

Os ninhos comestíveis que chegam á Europa procedem, geralmente, de Singapura, que é o seu grande mercado de exportação. As andorinhas que os fabricam habitam quasi tôdas as ilhas do arquipélago asiático. Estas andorinhas buscam as cavernas próximas ao mar, para aí construir os seus pequenos ninhos de forma hemisférica, cujas paredes não tem mais de dois centímetros de espessura. Fazem-nos com uma substância gelatinosa extraída de certas algas, e logo trabalhada na bôca das andorinhas e que, em certas épocas, saem pelo bico em fios finos e viscosos. Os ninhos de andorinhas comem-se, fazendo-se com êles uma especie de sôpa.

Para fazer êsse prato são precisos, pelo menos, quatro ninhos. Em Paris já se vendem falsos ninhos de andorinhas, fabricados com diferentes matérias gelatinosas.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICACAO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

Jardins de Aclimatação

O nosso Jardim Zoológico está longe de chegar á categoria a que devia ascender como parque zoológico dum grande país colonial como é o nosso. No entanto, não nos envergonha aos olhos do estrangeiro e, dentro dos seus modestos recursos, é uma instituição simpática e digna de todo o auxilio oficial e particular. A «Aldeia dos Macacos», inaugurada há oito dias, é já um importante melhoramento a que anda associado o nome prestigioso de Raul Lino. O «Hotel da Barafunda», o «Casal do Mõno», a Adega e a Fonte de Simão são preciosíssimas e miniaturiais construções, com o seu cunho rústico e nacional.

Que a direcção do Jardim não esmoreça no caminho dos melhoramentos e que em breve consiga levar a cabo uma das aspirações de todos os que se interessam pela história natural: o de aclimatar algumas especies exóticas, principalmente aves, que hoje já podem, em condições especiais, viver e multiplicar-se nos climas europeus.

Em França, há particulares—pessoas ricas e amigas da sciência—que se tem dedicado á aclimatação de especies animais, vendo, a breve trecho, os seus esforços amplamente recompensados.

Perto de Serignan, o naturalista J. H. Fabre reuniu uma preciosa colecção de insectos e tem curiosos estudos sobre os costumes das formigas, dos escaravelhos sagrados, das aranhas, dos escorpiões, das formigas brancas, etc.

Em Argenson sur Creuse, em plena cidade, mesmo junto á via ferrea, há um jardim onde Raymond Rollinat reuniu a sua soberba colecção de reptis. Nêsse domínio ha centenas de lagartos, tartarugas, serpentes, que cada ano dão ensejo a uma notável comunicação científica do seu senhor.

Mas o mais perfeito parque particular de aclimatação é o que rodeia o castelo de Cleres, onde vive o jovem cientista Maurice Delacour, que há anos consagra o seu tempo e a sua fortuna ao estudo e á aclimatação de pássaros. Maurice Delacour é hoje o presidente da Federação das sociedades francesas para a protecção ás aves. Antes da guerra, possuía um belo parque de aclimatação em Villers-Brettonneux, mas, durante o inverno de 1914, todas as suas gaiolas, parques de faisões, tanques onde se criavam os mais raros palmípedes, laboratórios, estufas, tudo foi destruído. Logo após o armistício, Maurice Delacour quis recomeçar a sua bela obra e, para isso, comprou, ao Norte de Rouen, um castelo rodeado dum bosque, com uma ribeira, um vale, uma planície, uma ilha, enfim, com tudo quanto era necessário para a criação das aves terrestres e aquáticas. Com uma paciência de verdadeiro sábio, reconstruiu as suas enormes gaiolas e, para as povoar, empreendeu viagens de exploração. Convencido de que nenhum jardim zoológico possuía o *faisão imperial* do alto Laos, Maurice Delacour resolveu ir procurá-lo e, depois dum ano de pesquisas, regressou com uma bela colecção de aves, em que sobressaíam três soberbos casais de faisões imperiais, só conhecidos na Europa por três exemplares embalsamados, dois existentes no Museu de Paris e um na colecção zoológica de Londres. A partir dessa viagem, realizada em 1923, os faisões imperiais estão em via de se aclimatar.

No domínio de Maurice Delacour, em Cleres, vêem-se as mais raras e estranhas aves, vivendo quasi tôdas em liberdade. Quem passeie nesse encantador parque normando encontra no seu caminho avestruzes, grou, cegonhas, secretários (aves de rapina), flamengos, ibis, galinhas sultanas, etc. Pelas árvores, papagaios e piquitos... Um aspecto feérico! Em grandes gaiolas, há colibris, beija-flores, aves do paraíso, e outras aves que se julgava serem refractárias á aclimatação, que, em última análise, dependia apenas duma questão de dinheiro e de intelligência.

O espectáculo dos animais encerrados em apertadas jaulas ou gaiolas está hoje sendo olhado como uma barbaridade e nos mais ricos jardins zoológicos, como o de Londres, o de Roma, o de Anvers (célebre pela sua colecção de reptis), o de Rotterdam, o do Cairo (tão belo e tão vasto que as aves de Africa veem de longe fazer ninho nas suas árvores), há tendência a ter os animais numa relativa liberdade. Nem as aves nem os mamíferos evitam o homem. Pelo contrário, procuram-no, e, uma vez que não se disparem tiros nem se queime fogo de artifício, rapidamente se habitua á vizinhança humana. Em Africa, há exemplares bem curiosos de aclimatação no meio de agrupamentos humanos. O abutre, tão arisco nos Pirineus e nos Alpes, é um companheiro para o abissínio.

Tudo indica que, daqui a anos, a Europa será o refúgio de raças em via de desaparecerem: o bisão, por exemplo, aclimatar-se-ha á Inglaterra, com relativa facilidade. O Meio-Dia da França poderia ser o país protector dessas especies reduzidas, e com leis repressivas de certas caças poderemos chegar aos melhores resultados no domínio da aclimatação. Os animais exóticos poderão então ser estudados atravez dos seus hábitos de seres livres, e com o espectáculo de quasi desconhecidas belezas da Criação, a Sciência e a Humanidade terão tudo a lucrar.

O HOMEM SEM SÔNO

Em Viatha, na Rússia, morreu agora um advogado, o sr. Bubínof, que não dormia há dez anos. Mobilizado durante a guerra, Bubínof combateu durante os dois primeiros anos.

Em 1917, durante um encarniçado combate, caiu no campo de batalha, ferido gravemente. Na ambulância para onde, pouco depois, foi conduzido, constatou-se uma fractura de crâneo, que permitia poucas esperanças de cura. Contudo, á força de cuidados, o médico assistente conseguiu salvar Bubínof, mas, desde então, êste nunca mais pôde dormir. Durante os primeiros tempos, Bubínof não sofria com a falta de sono, porque não sentia a menor necessidade de dormir. Ao principio, passava dez ou doze dias sem o menor repouso e sem a menor necessidade deêle; em seguida, dormia, ou antes, passava pelo sono durante um quarto de hora—o máximo—ficando esperto para um novo e tão longo período de vigília.

UM PROBLEMA

Numa pequena escola oficial dos arredores de Stockholmo andava um pequeno chamado Pedro que, em certo dia, não compareceu ás aulas.

Em vez deêle, appareceu uma carta de sua mãe, a qual, na melhor caligrafia, explicava ao mestre as razões dessa ausência:

«Senhor professor, peço-lhe para desculpar a falta de Pedro, que, hoje, não pode ir á escola. E' obrigado a substituir o pai, que é porteiro. O senhor professor passou-lhe ontem um problema de matemática: «Se um campo tiver 4 quilómetros quadrados, quanto tempo levará um homem a percorrer duas vezes e meia o seu perímetro, se andar três quartos de quilómetro por hora.» Como o Pedro ainda não é um homem, foi o pai a fazer o cálculo. Suiu, esta manhã, muito cedo, e espera estar de volta á noite, apesar disso não ser fácil. Tenho esperança que, para a próxima vez, o senhor professor passe um problema em que entre uma mulher, porque um homem faz muita falta, quando não pode trabalhar um dia.

«Com os meus mais respeitosos cumprimentos. M.^{me} R. Hansen.

TELEFONISTAS POLIGLOTAS

Para ser menina do telefone em Jerusalem é preciso ter «queda» para as linguas. O público tem direito a pedir um número em onze linguas diferentes: a comunicação deve ser feita, sem protesto, pela estação central.

Na Palestina, há três linguas oficiais: o inglês, o árabe e o hebreu; mas o francês, o alemão, o espanhol, o grego, o russo, o italiano, o arménio e o romeno são de uso corrente.

E' claro que as meninas dos telefones não sabem onze linguas diferentes, mas tôdas conhecem três perfeitamente e são capazes de responder ás chamadas de números em cinco ou seis outras linguas, de forma que estão aptas a bem servir uma população extraordinariamente cosmopolita.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Uma farça num tribunal

CHARLIE CHAPLIN E OS JUIZES AMERICANOS

É impossível deixar a gente de escrever, a cada passo, sobre Charlie Chaplin. É o homem que faz correr mais tinta em todo o mundo.

Ora a semana passada o correspondente do «Daily Mail», em New-York, deu pa a o seu jornal o relato de um julgamento que deixa a perder de vista o mais entretido «meeting», a mais animada assembléa da mais conspicua associação de classe.

Charlie Chaplin que, desde que lhe deu o «tango-lomango», não faz outra coisa senão andar pelos tribunais, foi chamado a depôr como principal testemunha, em sua propria defeza, na acção intentada por um tal Leo Loeb, que negocia em desinfectantes e que se dá ao luxo de escrever argumentos para films.

Leo Loeb acusava Chaplin de haver plagiado de uma obra sua, «The Rockies», o «scenário» do seu «film» «Shoulder arms», e por isso, se julgava no direito de reclamar 10.000 libras de indemnização.

O júri pediu a Charlot que lésse, ora uma pagina da obra prima do tal Loeb, ora outra da sua autoria.

Inconscientemente—ou muito de proposito porque ele é homem para isso—Charlie Chaplin, reproduzindo o ridiculo tipo que ele personalisa no «écran», pega no papel, aproximando-o do nariz, e queda-se numa expressão apavorada. O tribunal ri a bom rir.

—O senhor não sabe lêr?—preguntou-lhe o juiz.

—Graças a Deus, muito bem, mas esqueci-me dos olhos em casa.

Resolveu então o juiz emprestar a Charlot os seus, a vêr se serviam... Charlot procura lêr com uma das lentes assitada ao olho direito, como se fosse um objecto estranho.

Ao descrever uma scena da sua comedia, Charlie Chaplin exclama ruidosamente: «Quer-me parecer que me meti num grande barulho com a minha mulher!»

E como a audiéncia explodisse numa gargalhada sonora, Charlot explica: «O barulho com a minha mulher é da peça...»

Mas não era possivel prosseguir.

O juiz empertiga-se, quer mais respeito pelo tribunal.

Charlie Chaplin conclui o seu depoimento com toda a simplicidade, com a simplicidade irresistivel de Charlot, dizendo que há, de facto, pontos de contacto entre os dois argumentos, mas que na acção, nas idéias e na psicologia dos personagens, eles são totalmente diferentes.

O droguista ficou sem as almeçadas dez mil libras, e foi muito bem feito. E Charlot «chuchou» á grande dos pandegos da Justiça, o que foi ainda muito mais bem feito.

CARLOS ABREU

Olympia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filma de primeira escola. As grandes produções europeias e americanas. Últimas e as grandes transformações na sala e dependencias, torna a torna-las a preferida do publico.

S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Varieda-Salão Foz des

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «melhor-entendido» do teatro musical, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Aurora de Oliveira, Vaz de Santana, Aldina de Souza e o baritone brasileiro Rildo Vieira que tanto riu já alcançou. A maior sala de espectáculos de Portugal. Barro Alto soberba e magnifica.

A mais bela sala de espectáculos de arte moderna. Uma companhia esplendida «com os nomes de Nascimento Fernandes Rafael Marques e Conchita Ulla, grande estrela de «variétés». Actualmente, a opereta sem mu lica, cheia de verve: «O turco do Kalariz».

A mais linda sala de espectáculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Anselm Pereira e um formidavel grupo dramático que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectáculos mais emocionantes de Lisboa.

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Além de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reune o encanto duma novidade fresca ao «clac» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Padre Curav».

Brevemente companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portugueza».

Encerrado temporariamente.

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramática; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tozados» triunfais a afezarem a grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualmente «O Topa a Tudo».

A revista «Secretario dos Amantes» com a quadro novo de grande successo «Triste Pádo» desempenhado por Hortense Luz e Adelfina Fernandes.

Cosulich Line Presidente Wilson
esperado a 7 de Junho
Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.ª LISBOA
Telef.: C. 3601 3602 e 6003

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ



Motivos

O palco é uma cidade de gloria, onde o acaso elege os reis e escolhe os escravos. Os que vencem hoje são os vencidos de amanhã. Só ha uma coisa eterna, devoradora e terrivel: — a arte!

O teatro não pode ser regulado por uma lei. Ele regula-se por si proprio, como todas as forças exponents e grandiosas, que marcham além da vida e além do tempo.

A vaidade no artista—não é um erro; é uma qualidade. O valor conquista-se e impõe-se como um dogma. Quem ataca é porque o reconhece; quem o discute é porque o recebe.

O melhor scenario será o da natureza, colhido pelos olhos cegos dum artista, que construa as côres, sem conhecer as tintas.

O drama perdeu-se—no teatro. Mas ficaram as estatuas, cuja expressão de beleza é a um tempo desconhecida e enorme. Sofrem ainda desesperadamente, através dos seculos, tentando compreender os homens, que não compreenderam os titans.

A comedia hoje é um esgare de simios. O riso vem sempre misturado com as lagrimas. Isto é: o homem odeia-se de ser tão baixo e tão impotente.

Em teatro já não ha generos definidos. Combina-se tudo. Encontram-se assim aspectos novos de arte que renovam a materia antiga adulterada e gasta pelo tempo—que se cansou da sua imobilidade.

Os grandes artistas não conheceram, no inicio da sua carreira, o exito. Isto só prova que o talento é um segundo instinto, quando trabalhado com força, decisão e constancia.

A mulher em teatro é sempre mais do que o homem, uma vocação. Tem por si a mentira—elemento dramático essencial, que destroi e constroi, como se fosse sincero e real. Ha que lhe aproveitar todas as virtudes e todos os enganos...

cá por dentro

O nosso ultimo numero referia-se nesta secção a uma revista intitulada «Pagode Chinês» em que Avelino de Sousa e Antonio Torres estavam trabalhando.

Ora foi decerto errada informação de quem nos forneceu uma tal noticia e foi por lapso que a reproduzimos, visto que já nesta mesma pagina em Dezembro do ano findo, (n.º 100 deste semanario) annunciámos uma revista que com esse titulo estava sendo feita por uma nova parceria — «Duques» — a qual protestando agora justamente por esta nossa informação, nos comunica ter a referida peça concluida e prestes a ser entregue.

Apressámo-nos por isso a rectificar o referido eco teatral, pondo as coisas no seu lugar e dando o seu a seu dono, certos de resto, de que isto apenas se deve a erro de informação porque os srs. Avelino de Souza e Antonio Torres, não são pessoas para dar a um trabalho seu um titulo alheio e de ha muito annunciado.

Que nos desculpem portanto uns e outros a involuntaria inexactidão do nosso eco.

Alice Ogando declamadora

A brilhante poetisa Alice Ogando Brun vai apresentar-se ao publico, como declamadora, no Salão da Liga Naval, no dia 2 de Junho.

Alice Ogando, que é, ao mesmo tempo, um dos valores da nossa scena, é essencialmente «diseuse». O treino que há longos meses vem fazendo aprimorou-lhe os seus dotes de expressão e revelou-lhe o mundo encantado dos nossos versos. Alice Ogando tem trabalhado com afinco. O seu repertorio compreende—não há o menor exagêro—para cima de cem poesias, que bem poderia chamar-se as cem mais belas poesias da alma portugueza...

Cotina Freire, a eminente cantora de «lied», presta a Alice Ogando o seu concurso, preenchendo toda a segunda parte do programa com varios «lieder» portugueses e outros italianos do seculo XVII.

Alice Ogando recitará na primeira parte trechos escolhidos de poetas nacionais, finalizando com as Scenas Infantis de Schuman!

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pae dos cinemas libretos. Olimpo filius, sempre variados e para todos a paladares do publico. As grandes produções de avanteuras. Preços em concorrencia. Amplicissima e elegante sala.

Maria Vitoria

A peça

ESTRELA D'ALVA

Opereta em 2 actos

ARTUR PORTELA

de costumes serranos

NUNCA me esquecerei mais daquela noite do Avenida Palace—passem, embora, os anos e surjam com eles novas emoções. Confesso que tremo ao recordá-la, e a minha pena de «reporter», que tem feito os mais singulares retratos e vivido os acontecimentos mais emocionantes, parece hesitar agora, pela primeira vez... Mas é forçoso que eu diga tudo, que eu revele um capítulo de história que, sem mim, talvez ficasse ignorado para sempre. O dever profissional é superior a todas as preocupações.

Foi esse dever de explorar as notícias de sensação que me atirou para um sem numero de perigos, fazendo-me viver o espectáculo sem par das revoluções, levando-me ás furnas lugubres do Monsanto e aos tugurios infectos da Mouraria e de Alfama, obrigando-me a acamarar com a pior das gentes nas investigações dos crimes ruidosos... Todavia—ah, eu sinto-o bem!—esta novela é a mais perigosa aventura da minha vida profissional.

Pois, como vos já dizendo, não me esquecerei mais daquela noite do Avenida Palace. Eram nove horas quando entrei no hotel, com o ar solenne que o meu smoking e o meu monóculo me impunham. A jornalista D. Virginia Quaresma, então directora da Agencia Americana, esperava-me no salão; era eu o unico convidado que faltava, mas não me mostrei preocupado com a indelicadeza da demora, convencido de que a minha illustre colega já deveria ter-me desculpado. Eu nunca acreditei na pontualidade dum jornalista. E quando entrei na sala de jantar deparei com um grupo adoravel: a cantora D. Maria Judice da Costa, a actriz D. Brunilde Caruzon, o soprano D. Cacilda Ortigão, Madame Monteiro Torres, o maestro Rui Coelho, o industrial Castanheira de Moura, o capitão Quaresma, etc. Conversava-se alegremente e D. Virginia Quaresma fez a minha apresentação em termos de me pôr absolutamente á vontade.

O jantar começou. Devo dizer que era um jantar de homenagem á missão artistica que o Governo enviara ao Brasil e que lá nos representara tão bem. Este vicio de observador que têm todos os «reporters» punha-me, pouco depois, em contacto com um casal que jantava junto da nossa mesa. Ela era uma loira alta e bonita, de seios erectos, mãos suaves e esguias e olhos azuis; seus modos eram de quem estava acostumada a dominar e os olhos, mau grado o fulgor azulineo e romantico que irradiavam, eram duros. Ele era alto e forte, tipo de homem de negocios, de forçada distincção, mãos cheias de aneis...

Madame Torres ficara a meu lado, mas, distraído a observar o casal da mesa contigua, eu esquecera-a, e Rui Coelho, que notara o meu interesse, interveio, graciosamente, para me perguntar se eu estava apaixonado.

—Não. Penso apenas que essa linda mulher servia esplendidamente para protagonista dum grande caso de reportagem...

Os segredos da grande burla Hennies, o misterioso...

Página sensacional pelo reporter Belo Redondo

O «maitre» passava nesse momento junto de nós. Chamei-o com um aceno e perguntei-lhe:

—Quem são aqueles hospedes?

—«Monsieur» Hennies, capitalista alemão, e «madame» Angold, sua companheira de viagem.

Tudo isto se dissera a meia-voz. Voltei a interessar-me pelos meus companheiros de mesa. Mas não sei o que me chamava para aquele casal, que dentro em pouco tornava a fixar nele a minha atenção. Todavia, os nomes de ambos nada me recordavam.

Reparei que conversavam em francês e que pareciam zangados. A orquestra atacava nesse instante uma obra vulgar, abafando as conversações. Todavia, do turbilhão de notas distinguí algumas das palavras que Hennies dizia a «madame» Angold, pausada-

perdi em Monte-Carlo a ultima nota de 100 francos. E tu bem o sabes, Hennies... Diz-me o que é feito do meu filho, onde está, deixa-me vê-lo e eu não voltarei a importuná-lo; regressarei, tranquila, a Berlim.

—Não insistas. Sabes bem que sou incapaz de transigir.

—Mas, repara que te tenho nas minhas mãos. Nestes ultimos anos conheci alguns dos teus negocios em Africa e sei como preparas a ruina de Portugal e da Hungria para te encheres de ouro. Uma palavra minha, neste país, seria bastante para te perder irremediavelmente, para te entregar á policia, para te levar ao oprobrio e á prisão...

—Não te receio Frida. O odio duma mulher, por mais forte que seja, não destrói a força do dinheiro, e eu posso inundar de ouro a Europa...

Na minha mesa D. Virginia Quares-



Eu olhava insistentemente aquela mulher...

mente, calculadamente, com a frieza de quem fizesse uma exposição de numeros:

—Para que queres tu o teu filho, se Paris continua a ser a tua desgraça, se teimas em coleccionar aventuras com todos os americanos que vêm á Europa, para lhes sorveres o ouro de que precisas para jogar? Não, decididamente, chegou a hora de teres juizo, ou de o ter eu por ti. Não negarás os direitos que eu adquiri para com essa criança...

—Nego-os sim. Pela lei e pelo coração, não ha direitos superiores aos de mãe. E eu prometi-te já a minha regeneração; ela começou desde que

ma acabara de contar uma anecdota e os risos dos assistentes apagaram o dialogo. Fingir-se discreto é a melhor qualidade dum «reporter» e, para que não se tornasse notada a atenção que eu estava dispensando a Hennies e a «madame» Angold, contei, por minha vez, um caso picaresco. Mas depressa voltei a interessar-me pelo casal misterioso. A dôr daquela mãe a quem haviam tirado o filho denunciara-me um perigo grande para o meu país. Que perigo seria esse, tão grande que poderia leva-lo á ruina? Na pista duma noticia sensacional, era forçoso não a perder. Voltei a apurar o ouvido. E era «madame» Angold que falava:

—O industrial desconfia de ti e dos outros e tem grandes capitais no Seculo. Bastaria uma palavra minha para que ele abrisse uma campanha contra vocês. E depois? Que Governo seria capaz de não atender ao natural alarme da opinião publica? Quero o meu filho, Hennies. No dia em que me convencesse de que não o veria mais, contaria tudo o que sei contra ti. O industrial tem muito dinheiro e ele proprio me ajudaria a recuperar o meu filho. Odeio-te hoje como nunca te odiei e sou capaz de tudo...

Serviam-se os doces; eu tornei a perder o fio á meada. E acabava de me ser dada a palavra para um brinde, quando, ao erguer-me, reparei que Hennies e «madame» Angold se levantavam e saíam. O meu primeiro movimento foi para sair com eles, buscar a chave do misterio que esses trechos de conversação me tinham permitido vislumbrar. Mas seria um escandalo, teria de explicar aos meus companheiros o motivo que me levava a retirar. E quantos deles acreditariam que se passara um caso sensacional áquela pequena mesa do Avenida Palace? Fiquei; fiz, perturbadamente, o meu brinde aos artistas que no Brasil haviam representado com brilho o país.

E, ditas as ultimas palavras, ia procurar um pretexto para sair da sala e perseguir os dois singulares personagens da scena do acaso trouxera até mim, quando D. Brunilde Caruzon se ergueu, risonha e galante, para dizer versos. Que a illustre artista me perdôe, mas fiquei aborrecido. Sair nesse momento, fosse qual fosse o pretexto, era uma indelicadeza. Fiquei, portanto. E as horas, torturantes e implacaveis para mim, suaves e deleitosas para os outros, passaram morosamente...

Erguemo-nos de madrugada. Fiz, á pressa, os cumprimentos de despedida e corri ao porteiro:

—Os numeros dos quartos de «monsieur» Hennies e de «madame» Angold?

—Esses hospedes saíram, ha uma hora, de automovel, a caminho da fronteira.

Fiquei desolado. Eu perdera, com certeza, uma grande reportagem. Mas onde obter recursos para uma aventura americana, uma dessas aventuras de cinema em que é fertil o jornalismo de lá de fora? São tão pobres os jornais em Portugal... Desisti, mas nunca me esqueci mais dos nomes daquele homem forte e daquela loira de olhos tentadores.

Anos volvidos, aberta no Seculo a campanha contra o Banco Angola e Metropole, surgiu entre os burlões um nome que me impressionou: Hennies, averiguou-o a Policia, fora quem levava Alves Reis á burla das notas de 500 escudos, e conseguira esconder-se tão bem que ainda se encontra em liberdade. Hennies era alemão. O seu homónimo do Avenida Palace, alemão era. Seriam uma e a mesma pessoa?

Guardei até agora para mim esta pergunta. A singularissima aventura do Avenida Palace ficou sempre na mi-

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

Aquela cruz de
oiro...

Página de emocionante ternura,
onde o jornalista conta um en-
contro triste...

A Guida era uma das mais interessantes componentes daquela alegre equipe de raparigas, que durante a noite misturava as suas gargalhadas, sempre entoadas em côro de *claxin*, com as serpentinas vermelhas das mesas do Bristol, frageis cadeias para o amor-desejo que nasce e morre entre taças de champagne.

Conheci-a ha anos quando a sua mocidade exuberante de encantos era o deslumbramento dos olhitos enlanguescidos dos rapazes de então.

Ceámos juntos. Dançámos algumas vezes. Notei uma certa noite que a Guida tinha para mim confidencias pouco naturais nas mulheres da Lisboa nocturna, que vivem queimando na fornalha ardente e constante das noites febris dos clubs parcelas dos seus lindos sonhos de grandeza, todos encenados em sêdas e mil tentações de luxo e de prazer.

Interessou-me, não pelo que nela havia de sedutora tentação, mas pela novidade das suas atitudes sempre encaixilhadas numa quasi ingenuidade que encantava pelo impar que constituíam no meio-algazarra, no ambiente-illusão em que ella vivia.

—Julgas talvez que eu nunca ameí. Que para mim o amor se resume, como em tantas, a uma noite de prazer nos braços de qualquer, submetendo o meu querer e o meu sentir á acção simultaneamente nociva e confortante do mais vulgar alcaloide. Olha, queres vêr?

E a Guida, abrindo a medalhinha pequena que pendia do fio de oiro muito fino que trazia ao pescoço, mostrou-me o minuscuro retrato dum simpatico e insinuante rapaz fardado de official do exercito portuguez.

—Estivemos noivos. Quando recordo esse tempo pouco distante ainda, e olho em torno de mim comparando a

minha memoria. E voltou a avivar-se ha dias, quando foram apreendidas, na fronteira, a Carlos Chaves, tres cartas de Alves Reis. Numa delas — a que é datada de 26 de março de 1927 e que foi publicada no «Diario de Noticias», em 15 de abril—Alves Reis recomenda a Karel Marang:—«Angold, como sabe, está ligada a grupo Alfredo da Silva. Tenho muito medo desta mulher. Não será Angold que dá informações a Alfredo da Silva e este por sua vez quem informa a policia? Hennies deve ter muita e muita cautela com a Angold.»

«Tenho muito medo desta mulher... Esta «madame» Angold será aquella que, na sala de jantar do Avenida Palace, jurara uma vingança ruidosa, se não lhe dessem o filho? Creio que sim, pela grandeza da sua desforra. O coração das mães remove montanhas. O odio é tão forte como o amor...

BELO REDONDO

minha vida de hoje com a de então, fico quasi com a certeza de que não fui eu que mudei, mas sim, como nos palcos giratorios dos teatros grandes, foi o scenario da vida que se substituiu numa mutação feita entre sombras.

—E não casaram?

—Não. O meu noivo morreu na Guerra.

A orquestra distribuía pela sala, no porta-voz dos harmoniuns, gemidos tristes de um tango morbido. O reflector a um canto batonizava os pares. Primeiro, de vermelho, que dava reflexo de desejo e lavareda de paixão; depois, verde, que emprestava ás caras um tom terrivel de Morgue, uma semelhança extraordinaria de cadaver; depois, um roxo claro, um roxo madrugada, e depois ainda, o azul-moldura de sonho e o amarelo recordação de

Mas como estava diferente! Horrivelmente magra, muito envelhecida, era apenas uma palida sombra do que fôra, uma ruina do seu esplendor de outrora, quando a sua companhia era disputada avaramente e os seus lindos sorrisos eram comprados com garrafas caras de *Pomery* autentico.

Estive por momentos a fita-la de longe. Lá estava ainda o fio de oiro e a medalha pequena, cofre das suas recordações.

As suas mãos não se moviam para lançar uma serpentina, os seus labios não se descerravam nunca para o grito de uma gargalhada, para o esboço de um sorriso, e nos seus olhos amortecidos e enlutados ballavam tristezas.

Tambem ninguem se metia com ella. Levantavam-se das mesas em volta todas as raparigas para irem dançar e só



A orquestra lamuriava um tango, um tango fatalista...

sol. Perto da nossa mesa, na boca canalha duma *papillon*, abriam-se leques de gargalhadas que por vezes pareciam girandolas de soluços.

Caíram duas lagrimas pelas faces pintadas da Guida. Com a cabeça apoiada numa das mãos ficou longo tempo silenciosa, como que resando na capelinha intima da sua alma um roزاریo de orações de saudade.

Passaram anos sobre aquella noite, e ha dias, quando voltei ao Bristol, lembrei-me da Guida e procurei-a. Estava sósinha numa das mesas pequenas.

ela nunca era convidada, como se houvesse o receio do seu corpo estabelecer o contagio terrivel de alguma doença estranha.

Estava velha.

Quando me acerquei da sua mesa reparei que a Guida chorava.

—Que é isso?

Ergueu a cabeça surpreendida. Depois ficou longos segundos a olhar-me. Reconheceu-me por fim.

—Ah, és tu... senta-te.

Um criado serviu-nos *Porto*. A orquestra—como naquela noite—lamuriava um tango, um tango fatalista e muito triste, com passagens que eram sons de dôbres a finados e em que

havia gemidos de agonia e perfumes de desventuras e desgostos.

—Sabes? Supõe tu uma rainha que teve grandeza, esplendor, fortuna. Curvavam-se á sua passagem todos os que a conheciam. O caminho da sua vida era uma estrada florida, sem dificuldades, quasi sem desgostos. Um dia, tocados pelas consequencias desastrosas de qualquer fatalidade, todo esse poderio e essa grandeza passaram a ser apenas recordações, iluminuras de um album de sonhos lindos. E' como esses velhos que nós encontramos ás vezes esmolando pelas esquinas, ainda com fatos decentes e quasi luxuosos, ullimas peças de um guarda-roupa de gente afortunada. Pois bem. Agora já debes ter compreendido as minhas lagrimas.

«Estou velha, percebes? Hoje mesmo a direcção do club me avisou—correctamente, é certo, assim como quem veste um casaco negro para dar os peza-me: a um conhecido—que eu não podia continuar a receber o meu salario de *papillon*.

«A minha presença nesta casa não tem justificação, desde o dia em que quaiquer encantos que vocês, os homens, acaso em mim tivessem descoberto me foram abandonando pouco a pouco, como petalas caídas de uma rosa que foi linda.

—E agora?

A Guida não respondeu. Nos seus olhos, porem, passou a denuncia de um proposito formado. Depois pediu-me um cigarro e suplicou-me que dançasse com ella um *fox* endiabrado que o Navarro conduzia no *jazz*.

No dia seguinte o meu jornal mandava-me á Morgue para ver o corpo branco daquela mulher que se suicudara de madrugada, num club. Estava sobre uma mesa de marmore quasi branco, enlameada de sangue. No seu peito nu, um fiosinho de oiro e uma medalha aberta com um retrato meu conhecido já...

LUIS TEIXEIRA

Bento, Silva, Pinto, L. da

ESTABELECIMENTO DE PENHORES

SALÃO DE EXPOSIÇÕES—126, Rua Alves Correia, 128

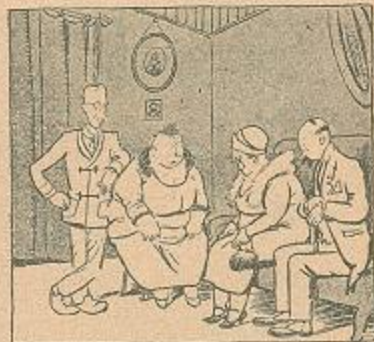
Móvilias, colres, pianos, ourivesaria, gramofones, discos

126, 128, Rua Alves Correia, 141, 147

LISBOA

TELEFONE 3256-N

PROVERBIOS



—Sabe, minha amiga, os sabios fazem as frases, os idiotas repetem-nas...
—Diga-me, minha querida, qual foi o sabio que inventou essa?

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CAS PALAVRUCIDAS

passatempo da moda

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA DE PEDRO DIAS, 15 4.º-ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

DESTERRADO 3824, NÓNO, MARIDO MULHER & FILHO, EDIPO IGNOTO, RENANDOP.

9 dots de musica, 10 argola, 1 letra grêga.
VERTICAIS — 1 ordem, 12 cinco letras de

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
CARLOS RODRIGUES
ORDIGUES (da T. E.)

N.º 1
5.ª SERIE

29
MAIO
1927

Apuramento do n.º 8 (4.ª SÉRIE)
COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

JAMENGAL
N.º 2 7 Votos
N. 1, de UTS. 5 votos

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, DITE, D. GALENO (T. E.), DROPE, HOFE, LILI, MAMEGO
Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

EURISTO (11), BIXO KNHOTO (10), FRANCOERQUE (8), ANFELIO, ART'ALVES (7)

OUTROS DECIFRADORES

SPARTANOS (5), JAMENGAL, RENANDOP, UTS (4), BAGULHO, MARIANITA (1).

DECIFRAÇÕES

1—trestampa, 2—UNICO, 3—ralhado, 4—incalcado, 5—afogueada, 6—osado, 7—griteira, 8—anhado, 9—alroar, 10—zampado, 41—venturoso, 12—sebene, 13—lama.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADA

N.ºs 6 e 8, respectivamente de DITE e GABI.

DEDICATORIAS

BAGULHO, EURISTO, HOFE & MARIANITA, dedicaram quanto lhes era dedicado.

CHARADAS EM VERSO

Agradecendo ao confrade RAZALAS a sua Bolorento

1 ...Até já ouv. dizer, que as cativa sem as ver,—3 que onde chega é disputado...—1 Mal se fala de você do «Landru» mar da T. E., fica tudo apalzinado...

Visconde da Relva

2 Já começava o dia a clarear pelos raios do sol, lá longe a brilhar; Mas pouco quasi nada. A grande silhueta de algum monte Aparecia na linha do horizonte em tinta avermelhada...—1

Numa herdade, no vale verdejante regava um homem já de idade, o milho enquanto a linda filha de seu filho corria, pelos campos, radiante...

Já começava o dia a clarear pelos raios do sol, lá longe a brilhar; mas pouco, quasi nada...—2 Chamava uma troubeta, uns cavaleiros que andavam pelas serras, nos outeiros, fazendo um caçada...

Castelo Branco MANÉ BEIRÃO

3 O incauto que use a carteira na albig-ira exterior do casaco—3 onde seja enxergada melhor,—1 está em risco de achar a manêira de, sem tempo de dar o cavaco, ser comido de gr.ça... e sem dor.

Lisboa BIXO KNOTO

4 Trabalho p'ra adquirir—4 Um nome que toda a gente Digra ser o de um sujeito—1 Muito activo, diligente.

Lisboa RAZALAS

CHARADAS EM FRASE

Ao meu amigo Pinto Leite reptando

5 Como é que V. prova que não teve pena do seu club não ter abichsão o título de campeão?—2-1

Porto RENANDOP

Ao P. Mourão anaposto do dia 27
6 O barquete produziu tal effeito que até ficaste borracho?—2-1
Lisboa D. VASCO

Para o Bixo Knoto matar em casa
7 Pertences ao numero das pessoas inteligentes, diz-me portanto: Uma fantasia oriental é um misterio?—1-2
Barcarena PATO BIGAS

8 Par mais sincero e constante que seja o amor dum homem, sempre a mulher o acha enganador.—1-2
Lisboa JAMENGAL

9 Quem dispensa atenções, deve sentir pesar se alguem o censura de moderado.—2-1.
Lisboa D. GALENO

10 Copia a pintura em papel azulado porque é a melhor s'forma de ser estraziado.—4-1.
Lisboa REI FERA

11 O oleo faz desaparecer em qualquer ponto o movimento agitado do mar.—2-2
Lisboa AFRICANO

12 Até um homem que tem mau genio e é largo de corpo, fica um brinquinho quando lavado e bem arranjado.—3-2
Lisboa DITE

13 Em atenção a si e não pela sua riqueza, van lalalhe logo.—1-2
Lisboa S'URTURO

14 Quando chegar á catedral, diga, s'u impartano.—1-2.
Erezimite YOFORONOFF

15 O peixe de Portugal apesar de esfrangalhado o seu peço chegou ao lume.—2-2
Lisboa ANFELIO

16 Este «peixe» é muito «semelhante» por andar de pressa.—2-1
Lisboa PAUSANIAS

17 Todo o «alfate» que delca imperfeito o seu trabalho, precisava ser castigado com forte spena, para evitar que de futuro seja uia grande remendado.—3-1.
Lisboa VIRIATO SIMÕES

18 A pequena moça caiu no adisimo, mas não tenham pena, porque era do saltador.—2-1-1
Lisboa DOIS PRINCIPIANTES

19 Foi neste pequeno círculo que a minha amante em contron a desgraça.—1-2
Lisboa CASTROLIVA

20 Ao grande observador e distinto confrade Visconde da Relva, agradecendo.

Encontrei pela rua um cortejo Em que a Dôr, mal fatal, imperava! Convulsivo, a seguir tosea maca, —Com saudade do ultimo beijo— Um pobre ente, inda novo, chorava!

Sua mãe coitadinha tão boa Já sentindo o espectro da morte —Pobre velha cans da sem forças— O filhinho, seu q'rido, abençoã, Alinejando-lhe vida e tom Noite!

Mas que stroz e espinhao viver Deste mando cruel, deshumano Não hipocrita, falso, inconstante! Se o sofrer nesta vida é dever, Ouve, ô Deus: Que infeliz é o teu plano!

Lisboa EURISTO

ARTIGOS SANITARIOS

Banheiras de ferro esmaltado, lavatorios, bidets, W. C., etc.

Esquentadores de gaz, petroleo, gazolina, lenha, etc.

Artigos de ferro esmaltado como: lava louças, pias, etc.

ORÇAMENTOS GRATUITOS

FELIX LABAT, L. DA

113, R. DO ALECRIM, 115

Tele (gramas): FELABAT
Lisboa: T. 103

A vitória das mulheres

No ano passado, vinte mil mulheres pediram licenças para guiar automóveis, em França. No mesmo paiz, em 1926, 625 mulheres matricularam-se nas Faculdades de Ciências e 897 em Medicina; no ano anterior, os números são pouco inferiores. Na Escola de Odontologia (de dentistas) de Paris não havia nem uma só mulher matriculada; actualmente, de 510 alunos, 176 são mulheres.



Aparelhos fotograficos, chapas, películas, papeis e accesorios, dos melhores fabricantes.

Especialidade em trabalhos para amadores.

Reportagens em todos os generos e em qualquer ponto do paiz. Pessoal habilitado em reportagem desportiva e actualidades.

A. ABELLA, L. DA

MOBILIARIO E DECORAÇÕES

108, Rua da Palma, 114

LISBOA

The Motor Car Stand L. da

Representantes das acreditadas marcas de automoveis

Pierce - Arrow - Kissel e Pontiac

11—RUA PAIVA DE ANDRADA—13

Telefone 3100 C.

LISBOA

VARIA

DAMAS

As estrelas da "tonadilla"

XADREZ

PROBLEMA N.º 123

Pretas 4 D e 4 p.



Branças 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 122

Branças	Pretas
4-8	15-4
7-11	22-15-8
26-31	13-22-20
31-20-2-9-18	29-15-6
1-10-28	
Oanhá	

Resolveram o problema n.º 121 os srs.: Alvaro dos Santos, Artur Santos, Augusta Teixeira Marques, Carlos Gomes (Benfica), José Brandão (Infantas), Mario Domingos Pereira, Miguel Jesus Penamacho, (Nestlé) Ribeiro da Foz, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-me enviado por «Nen».

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para a «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas e Jogo de Xadrez ao sr. João Eloy Nunes, Cardoso.

PERFUMARIA TIVOLI

Grande sortido de perfumarias nacionais e estrangeiras.

ESPECIALIDADES EM PERFUMES, AGUAS DE COLONIA, LOÇÕES, BRILHANTINAS E PÓ D'ARROZ A PESO.

Avenida Almirante Reis, 2, J

Artigos

para todos os Sports
Jogos diversos

CASA SENNA

113, RUA NOVA DO ALMADA, 52
Telefone C. 1231

Perfumaria Ideal

Produtos de beleza dos melhores especialistas. Perfumes a peso.

CABELEIREIRO DE SENHORAS
E CRIANÇAS

113, RUA RETROZEIROS, 113

GAZ E ELECTRICIDADE

LUSTRES E CANDIEIROS, CHEGARAM LINDOS MODELOS

Banheiras de ferro esmaltado — Instalações electricas, campainhas e telefones. LE TORRIDE; o melhor esquentador automatico para banho (Depositarior). Instalações completas de casas de banho — LOUÇAS SANITARIAS.

BICO NACIONAL AURORE, L.ª

(Não confundir com o Bico Auer)

R. 1.º DE DEZEMBRO, AO ROSSIO, 33, 35 e 37—Telefone: Norte 3047

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

NA semana que hoje finda, Lisboa — não a Lisboa artistica, mas a dos que podem dar 60 escudos por um bilhete de teatro—assistiu, deslumbrada, ás exhibições de Raquel Meller, a rainha do «couplet», que alguns comparam á Duse e a Sarah Bernardi, e que os seus compatriotas—os seus admiradores mais exigentes — denominam por «La Española que dominó el Mundo».

Raquel Meller é a mais prestigiosa de quantas «tonadilleras» a Espanha tem espalhado pela terra, nos ultimos anos. O seu prestigio é universal, e o seu nome, a que andam ligadas tantas tradições de beleza e tantas aneddotas elucidativas do seu caracter digno e ativo, bem espanhol, nas suas manifestações de orgulho e nos seus rasgos sentimentais, faz hoje um grande cartaz, em qualquer grande capital. A Raquel Meller deve a Espanha a curiosidade e a simpatia que os seus costumes tem ultimamente despertado no estrangeiro e mormente nas grandes civilizações norte-americanas. Raquel é uma genial criadora de emoção artistica e a assombrosa força patética da sua expressão é das que jamais esquecemos.

No entanto, nem todos os «aficionados do cuplé» espanhóis são unânimes em considerar Raquel Meller como o «az» supremo da canção. As opiniões divergem muito e concentram-se em torno de seis nomes que ha mais de uma duzia de anos se mantem na vanguarda e a respeitavel distancia da multidão de «coupletistas». Esses nomes são, por ordem do seu prestigio, os de Raquel Meller, Pastora Imperio, Argentinita, La Goya, La Argentina e Amalia Isaura. A estes veem juntar-se, já num plano um pouco inferior, mas ainda resplandecente de beleza e de graça, os de Amalia Molina—que, ha três anos, vive na América, conseguindo vantaj. sissimos contratos, mas negando-se firmemente a «dejar de ser española»,—Tórtola Valencia, Dora la Cordobesita, Imperio Argentina e a actriz Lola Membrives, que se especializou na canção, atraindo o maior renome artistico.

No tempo da Fornarina e da estreia de Amalia Molina, o «cuplé» cantado era lido como um género infimo, indigno de grandes artistas. Raquel e La Goya, aparecendo quasi simultaneamente, reabilitaram o «cuplé», a arte, talvez frivola mas empolgante da «tonadilla», que principiou a distinguir-se nitidamente do canto «jondo», isto é, da arte das bailarinas e cantadoras, que tem em Macarrona, em Tanguera e na Niña de los Penies, os seus mais illustres representantes.

Anos já se passaram sem que uma grande estrela de variedades espanholas viesse fazer eclipsar o brilho das acima citadas, cuja forte e caracteristica personalidade chamou dezenas de satelites imitadores.

São sempre as mesmas, as figuras supremas da «tonadilla» que passam pelo palco do Romea de Madrid e vão á America, periodicamente, refrescar as suas reservas de dólares. E como são as mesmas que aparecem ha uma bem cheia duzia de anos, vá de atribuir-se mais idade do que a que realmente tem ás estelias que ha mais tempo fulguram, esquecendo que algumas se estream ainda muito novas, como, por exemplo, La Goya, aos quinze anos surgindo em publico e fazendo delirar as plateias. La Goya é talvez a mais nova das grandes estrelas, cuja «decana» será a Pastora Imperio, que, no dizer dum espanhol

lisongeiro, é como «los buenos vinos, que ganham con los años...»

A rainha do baile espanhol, do baile com castanholas e sem dramas, do baile espanhol que está no mesmo nivel artistico dos bailes russos, é Antonia Mercé, que triunfou em Paris, em Viena, em Berlim, em Stockholmo, em Veneza, em Bruxelas, em Londres, em todo o mundo. La Argentina, Pastora e La Argentini-



A grande «tonadillera» Raquel Meller, no celebre «Relicario», canção que foi por ella criada e é uma das suas inumeras cordas de gloria.

ta tambem são grandes bailarinas e tocadoras de castanholas.

Paris é, em geral, a perdição das «tonadilleras» que se desnacionalizam, perdendo a sua razão de existir como criadoras de beleza. E Paris depressa as esquece e só recorda sempre, como todo o mundo, os olhos misteriosos de Pastora, o «tragedismo» de Raquel, a «tonadilla» humoristica de La Argentinita ou de Amalia Isaura...

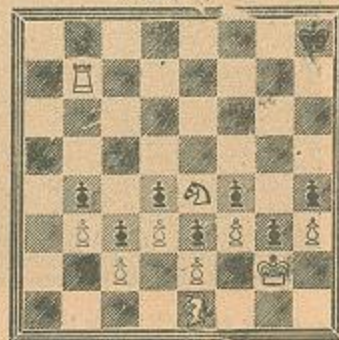
A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 124 - PROBLEMA

Por M. Pybus

Chess Player Chr. 1849

Pretas (8)



Branças (10)

Mate em sete lances (7).

Solução do problema n.º 123

(Neill)

1 Tc1-c2

Resolveram o problema N.º 122 os srs. Nunes Cardoso, Bernardo Diaz de Ayalla, Manuel Nunes, Rodrigo Machado, Maximo Jordão.

O VOSSO RETRATO

Procural sempre um bom fotografo. A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6-A, loja. Telefone 3029 Norte.

CARVÃO

«CARDIFF» ALMIRANTADO

NORTH'S

Á DESCARGA

PORTUGUESE CORPORATION OF COMMERCE, LTD.

CAES DO SODRÉ, 64, 2.º

Telefones C. 4163
4164

Canetas com tinta

O que ha de melhor

CONCERTAM-SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

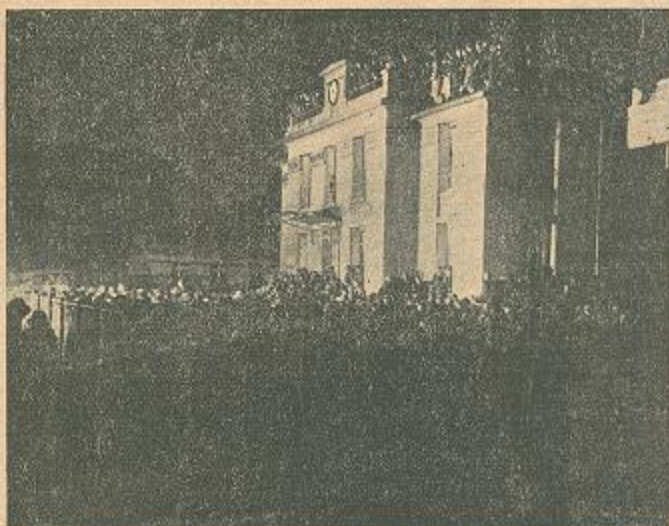
167, RUA DO OURO, 173

LISBOA



actualidades graficas

PELO CEU ...



A torre do aerodromo de Bourget sob as luzes dos holofotes, que esperam o grande passageiro.

DEPOIS DO GRANDE RAID



O «Espírito de St. Louis», momentos depois de guardado no hangar.

A AGUIA DO FAR-WEST

EM PARIS



Lindberg saudado pelo embaixador da America em Paris e por uma multidão de americanos, na escada da embaixada.



Mistinguett e Josephine Baker no leilão de caridade do Boulevard St. Honoré.

EM SAINT CLOUD

AS NOSSAS JOIAS



Uma peça da casa J. e M. Pedro Fraga. R. da Palma, N.º 82, aquele estabelecimento onde Raquel Meller comprou admiráveis joias



A «Taça Davis»—França-America. Lacoste (francês), vencedor, saúda Tilden (americano) vencido.

Uma grande semana sportiva



O vencedor da Prova Nacional Manuel Gomes, num belo salto, montando o cavalo «Talcave».



A gloriosa equipa portuguesa do V Lisboa-Madrid, militar



Salto da prova «Parelhas», dos grandes azeites—Morais Sarmiento e Ivens Ferraz.

PUBLICIDADE

STORES
GELOSIAS

Os mais perfeitos e mais baratos.
Unicos que resistem ao sol e á chuva.
Encomendas rapidas na

RUA MARIA ANDRADE, 11

LISBOA

PIANOS E ORGÃOS

INSTRUMENTOS MUSICOS

GRAMOFONES E DISCOS — OFICINA DE CONCERTOS

Custodio Cardoso Pereira & C.^a

9, RUA DO CARMO, 13 — LISBOA.

FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$

ASSA
GRELHA
COSE
FERVE
E NÃO
SUJA

SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS



EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUA DA BOA VISTA 35

FABRICA

DE

Porcelana da Vista Alegre, L.^{da}

ESCRITORIO:

LARGO DA BIBLIOTECA, 17

DEPOSITO:

LARGO DO CHIADO, 18

PORCELANAS PARA USOS DOMESTICOS, INDUSTRIAIS
E ELECTRICOS

Espartilhos
e Cintas

Marca «POMPADOUR»
Os melhores, mais resistentes e
mais elegantes.

CINTAS MEDICINAIS
para todos os padecimentos
abdominais



A POMPADOUR

28, Chiado, 30 Telef. C 210

Tudo

Consegue, Rua do
Sol ao Rato, 215, 3.º

MOVEIS E ESTOFOS

Ao Confortavel

DE

NASCIMENTO PIEDADE

TELEFONE NORTE 3968

Rua da Palma, 109 a 115, 1.º

LISBOA

ALVES & GUERRA, L.^{DA}

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 54 6 N.

ARMAZEM DE VENDAS: — 47, Rua Alves Correia, 49

ESCRITORIO: — 43, Rua Alves Correia, 43

LISBOA

Gramofones e Discos

PIANOS — MUSICA
INSTRUMENTOS E ACESSORIOS
OFICINA DE PIANOS
E AFINAÇÕES
CASA GOUVEIA MACHADO
RUA ALVES CORREIA, 152

Os insectos das
arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes
prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o
acreditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A' venda na DROGARIA CEZAL

De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA — LISBOA

Sempre o maior sortimsnto de accsorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telcgráfico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

Antiquidades

A' venda e em exposiçã no BRIC-A-BRAC ESTRELA. — Calçada da Estrela,
57, (esquina da Rua Miguel Lupi).

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior fragagem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -

SEMESTRE - 24 ESC.

TRIMESTRE - 12 ESC.

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO 52x20 - SEMESTRE 26x10

ESTRANGEIRO

ANO 64x64 - SEMESTRE 32x32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A grande vitória do Lisboa-Madrid Militar!

Formidável atitude de conjunto numa defesa das rédes portuguesas pelo grande "keeper" Roquete.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING